



IMOVEIS PATRIMONIAIS: PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE EM FLORIANOPOLIS – UTILIZAR PARA PRESERVAR

J.O. Alberton, M.J.M. Vaz, E.M. Pereira

RESUMO

Este artigo, teve como ponto de partida uma dissertação de mestrado que inventariou casas de caráter modernista importantes na consolidação de tal patrimônio em Florianópolis. Porém foi além e alargou o campo de pesquisa de tal dissertação ao buscar relacionar com uma produção contemporânea no conhecimento urbano, que trata da renovação urbana com a utilização de edificações existentes. Nesse caminho encontra pistas para aprofundamento da pesquisa, sobretudo no sentido dessa relação entre arquitetura, cidade, patrimônio, habitação e o conceito do adensar as áreas que já possuem ocupação. O resgate de edificações existentes, e sua compreensão como testemunho histórico envolvido em um contexto sócio-espacial, permite evitar o desperdício tanto da história e patrimônio locais, quanto com a ocupação e construção em áreas ainda vazias. Dessa maneira, ressalta-se a qualidade da mistura de usos como fator diversificador e animador da cena urbana. Conhecer, inventariar, mapear artefatos arquitetônicos, passíveis dessas intervenções é um primeiro passo, explicitado nesse artigo. O resgate não significa a utilização tal qual proposta no primeiro uso das edificações, pois os contextos sócio-espaciais e econômicos alteram-se no decorrer do tempo, mas com novos usos, e sobretudo os mistos, evita-se as demolições e podem ser conferidos novos usos a antigas edificações. Conclui-se com base nas análises empíricas e nos cruzamentos que foram feitos com a teoria, que utilizar é um dos melhores caminhos para conservar. As referências teóricas estão presentes em todo o texto, e contribuíram para o balizamento do presente trabalho de forma dinâmica, tendo sido postas em discussão sempre que necessário no decorrer do texto.

1 INTRODUÇÃO

Adensar a cidade sobre áreas já edificadas¹, trabalhando nos vazios urbanos e as áreas subutilizadas, tem sido umas das máximas preconizadas por autores do urbanismo no sentido de centrar as construções sobre a cidade existente, evitando um crescimento horizontal, que além de aumentar as distâncias (e todas as características negativas advindas dessa característica, como problemas de tráfego, etc.), resgata a utilização da infra-estrutura já existente em áreas urbanizadas, minora a especulação imobiliária e permite a manutenção da memória coletiva através da utilização e da manutenção de edifícios isolados, ou conjuntos arquitetônicos existentes.

Este ensaio baseia-se então em uma análise empírica de edificações modernistas não tombadas pelo patrimônio histórico e que têm sido demolidas, perda irreparável para a memória local e tenta traçar um paralelo com sua utilização para fins que pudessem resgatar usos de uma cidade tradicional, portanto que lhes conferem urbanidade, ao mesmo tempo em que lhes garante um caráter de perenidade estética, ao invés das intervenções sofridas cujos novos usos descaracterizam completamente a imagem do imóvel como testemunho de um período urbano vivido.

Casarões como o Casarão da Via Palma do centro urbano de São Luis, ou o trabalho de revitalização do hotel Umbu em Porto Alegre² resgatam a possibilidade de utilização de patrimônio edificado para habitação social, utilizando-o assim não somente para usos institucionais e-ou culturais, mas resgatando a diversidade de usos (habitação mais serviços) salutar à vivência urbana. O referido hotel, presente no centro histórico de Porto Alegre, passou por um projeto de revitalização (2003-2004), transformando-o em habitação, o que corrobora para animação da cena urbana.

Tanto as residências apresentadas abaixo, quanto o edifício representam elementos a serem catalogados e mantidos. As residências apresentadas ainda possuem usos residenciais, mas em suas proximidades a maior parte dos imóveis residenciais unifamiliares de viés modernista estão sendo demolidos ou transformados em imóveis de uso comercial, contribuindo para a transformação da paisagem e conseqüente criação de áreas de vazios urbanos após o horário comercial, por falta de dinamicidade e multiplicidade de usos, conforme já preconizado por Jane Jacobs, em sua obra: *Life and Dead of Great American Cities*, da década 60. A alteração de usos em si não é problemática, pois perpassa uma questão em esfera mais ampla – a legislação urbana, mas a descaracterização das edificações é o principal item para o qual foca-se o presente artigo.

Nos próximos itens 2, 3 e 4 serão descritas as edificações, a começar pelo Edifício das Diretorias e as residências. Tais capítulos foram desenvolvidos por Josicler O. Alberton em sua dissertação de mestrado sobre o patrimônio modernista na ilha de Florianópolis. O capítulo 5 resgata a importância da utilização de tais imóveis para sua preservação, traçando paralelos com o referencial teórico e a prática. A conclusão tenta resgatar um paralelo entre possibilidades, sendo totalmente empírica e abrindo espaço para novos debates. Percebe-se a ausência de um capítulo de referencial teórico, pois o mesmo perpassa todo o texto, com “diálogos” com os autores nos momentos oportunos.

¹ Para maiores informações, MARICATO E, 2002; SOUZA, M. L., 2004.

² Para maiores informações consultar no site o artigo de Lizete Rubano em artigo publicado no site Vitruvius: <http://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/08.095/153>

2 O CONTEXTO E AS OBRAS

O centro de Florianópolis é limitado fisicamente pelo mar e pelo Morro da Cruz. Embora tendo sua área restrita geograficamente, até meados do século XX, a parte central era tomada por grandes vazios urbanos, geralmente ocupados por chácaras. Naquela época, o atual bairro do Centro, era dividido em vários bairros menores. Os bairros com o maior índice de ocupação confrontavam-se com o mar ao sul e localizavam-se próximos à Praça XV e ao Mercado Público (ver ilustração 1). As ruas Conselheiro Mafra e Felipe Schmidt destacavam-se pelo comércio, sendo as mais movimentadas da cidade, a exemplo da vida citadina, conformada desde os passeios das moças de família aos domingos, depois da missa, até os encontros com as prostitutas na região próxima ao mar. Para as famílias tradicionais, estes lugares eram considerados promíscuos, principalmente pela presença do porto.

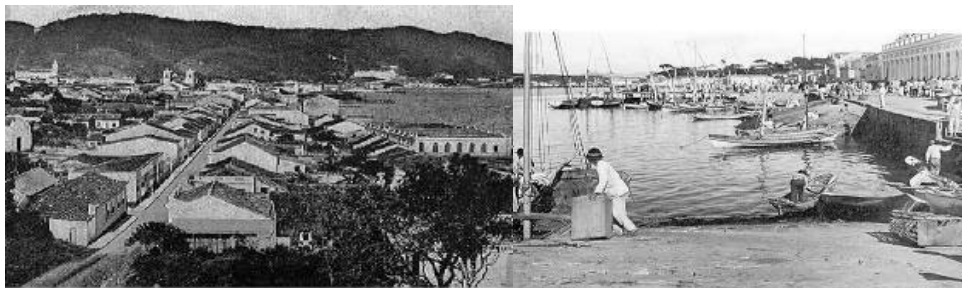


Ilustração 1 Rua Conselheiro Mafra no início do século XX. E Mercado Público no início do século XX. Fonte: <<http://www.arq.ufsc.br/~soniaa>>. Acesso em: maio de 2005.

Serão apresentados dois recortes da cidade de Florianópolis. O primeiro localiza-se no centro histórico e é configurado pelo edifício das Diretorias e o segundo, nas proximidades da rua Presidente Coutinho e diz respeito a um grupo de residências (Ilustração 2). Este último apresenta uma ocupação mais recente, datada da década de 50.

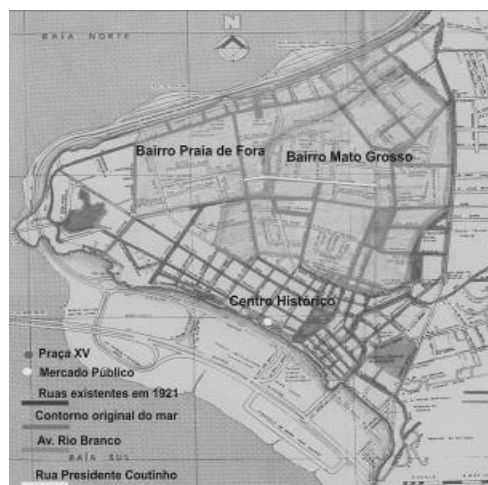


Ilustração 2 Malha urbana de Florianópolis em 1921. Fonte: VEIGA, 2003; adaptado para este trabalho

3 O EDIFÍCIO DAS DIRETORIAS

O edifício das Diretorias foi projetado em 1953 pelo engenheiro Domingos Trindade, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1941), e inaugurado em 1961. Segundo Castro (2002) o edifício introduziu na cidade, além das soluções técnicas e estruturais tipicamente modernas que geravam a planta livre e a fachada livre, espaços externos modernos como os pilotis ao lado de soluções tradicionais como a entrada principal marcada por uma escadaria. Dentre os edifícios construídos na década de 50 na cidade, este explorou de maneira ampla a relação entre o edifício e a cidade através do uso dos pilotis como elementos de integração entre o espaço de circulação de pedestres e a edificação, característico da proposta corbusiana de articulação entre o edifício e a cidade.

“Com excessivo trabalho de todo o pessoal das Obras Públicas numa blitz verdadeira comandada por O. E., trabalho que se prolongou por dias e noites, as vezes até pela madrugada, foi inaugurado ontem o Edifício das Diretorias nesta Capital. O governo que está por alguns dias, fez questão fechada de inaugurar o Prédio, conseguindo fazê-lo embora sem o completo acabamento da majestosa obra. A inauguração foi feita a noite para uma melhor impressão, desde que é verdadeiramente feérica a iluminação do Edifício. O Edifício das Diretorias é considerado como o mais bonito da Capital. E o mais custoso também”. JORNAL O ESTADO, 06 de janeiro de 1961. (CASTRO, 2002, p.17)

O volume foi organizado em “L” (ver ilustração 3) e se abre para um pátio onde acontece o estacionamento. Implantado na esquina através de recuos, cria calçadas cobertas por uma grande marquise amebóide e cujo desenho em ondas se repete na parede cega voltada para Rua Deodoro. Esta marquise abraça toda extensão das fachadas voltadas para as ruas do edifício e é mais profunda junto a esquina, onde a fila de pilotis se duplica para sustentá-la e dois grandes rasgos com formato curvo reforçam seu desenho. A planta-livre, propiciada pela estrutura de concreto armado, garante fluidez para os espaços internos e permite o uso de fachada livre. O projeto atenta para o conforto da edificação quando prevê brises para a fachada oeste e somente vidros para a sul.

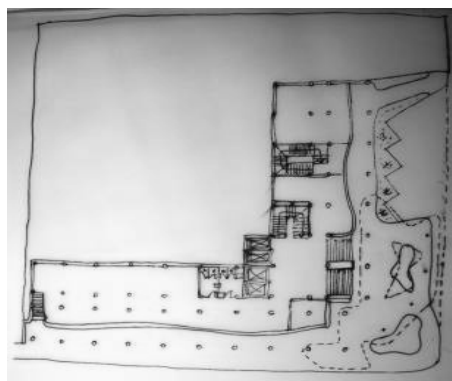


Ilustração 3: Planta- baixa do edifício das Diretorias. Fonte: arquivo pessoal, 2009.

Conforme pode ser observado no croqui da planta, o espaço open-plan, encaixava-se perfeitamente no esquema da arquitetura internacional, contribuindo para uma linguagem modernista que extrapolava o tratamento fachadístico e utilizava na essência os preceitos modernistas.

O espaço desta esquina é um ponto de referência para os que caminham pelas ruas do centro de Florianópolis. Aí pedestres esperam o momento de atravessar as ruas, protegem-se da chuva, conversam ou aguardam encontros. A imagem do prédio do Ministério retorna significativamente na definição das fachadas: uma com uso de brise-soleil em toda sua extensão e outra pela utilização de janelas horizontais, aludindo por contraste, às fachadas do edifício do Ministério. O volume, em L, articula-se na esquina por uma marquise ondulada e pela presença de pilotis, define um espaço de circulação e abrigo para pedestres, que é único na cidade. (CASTRO, 2002)

Neste período, irradiavam-se os estímulos para fazer de Florianópolis alcançar o progresso e a modernização. O processo da construção de Brasília garantiu ao país um estado de euforia e entusiasmo. As realizações arquitetônicas eram ícones da modernidade. Havia o reconhecimento da beleza associada aos grandes edifícios e uma perspectiva positiva diante do progresso. A presença de novos edifícios modernos inaugurados no centro da cidade de Florianópolis ao longo da década de 50 indicavam o início das grandes mudanças esperadas. No dia da inauguração do edifício das Diretorias, o jornal *A Gazeta* de 05/01/61, anunciava na primeira página: “Será inaugurado, hoje, oficialmente as 20:30 h o majestoso Edifício das Diretorias, obra que vem enriquecer não somente o Patrimônio do estado mas também a estética urbana (...)”. (CASTRO, 2002).

A esquina protegida pela marquise deveria funcionar como espaço de transição entre o público e o privado, numa clara alusão entre os usos da rua e da edificação, conferindo aos passantes uma área de sombra e estar sob o edifício, criando uma nova relação com as esquinas do entorno (ver ilustração 4). Percebe-se ainda hoje a relação desse espaço de transição com os pedestres, posto que a colunata foi transformada em área de comércio ambulante, em proteção a quem espera o ônibus, ponto de encontro e referência no contexto urbano e a escadaria serve como um grande assento coberto, de onde é possível observar a cena urbana.



Ilustração 4: esquina marcada pela marquise, nova relação de uso e apropriação popular. Fonte: arquivo pessoal, 2009.

A influência da marquise é tão evidente que a edificação construída em frente ao edifício das Diretorias faz alusão igualmente as formas da marquise e adiciona um espaço de uso comum aberto, relacionado-o com a galeria coberta da edificação modernista. A esquina do Edifício das Diretorias tornou-se referência local para cidade. O jogo de cheios e vazios trabalhado nas colunas, bem como o ritmo marcado pelas mesmas e a marquise com desenho curvo são elementos que identificam este espaço da cidade, consolidado e apropriado pelo uso dos pedestres que por ali circulam.

4 AS CASAS PRÓXIMAS A RUA PRESIDENTE COUTINHO

No início da década de 50, nos vazios urbanos da área central o verde predominava. Grandes chácaras conformavam os bairros mais reputados, longe do centro e de seus conflitos. Nestes lugares, de vida saudável, encontravam-se as melhores residências que pertenciam às famílias mais abastadas. Dentre os principais bairros da época, estavam o bairro da Praia de Fora e do Mato Grosso (VEIGA, 1993). O aparecimento de novas técnicas construtivas e o crescimento da população urbana, no início do século XX, favoreceu o início da urbanização destes lugares tomados por chácaras. A abertura de novos eixos viários e também o prolongamento de alguns já existentes, como foi o caso da Avenida Rio Branco, possibilitou a expansão do centro urbano, que cresceu em direção a estas áreas pouco ocupadas e que passaram a ser valorizadas (VEIGA, 1993, p. 83). Florianópolis era uma cidade administrativa cujos habitantes, na sua maioria, trabalhavam como funcionários públicos. As chácaras foram parceladas aos poucos e no lugar surgiram loteamentos cujos terrenos eram valorizados. O grupo de compradores restringia-se às classes média e média alta.

As novas casas construídas reforçavam os ares de modernidade da cidade. Muitas, passaram a ser construídas sob influência da arquitetura moderna, estilo adotado na época, que circulava em revistas nacionais e internacionais. A casa com paredes pesadas, auto portantes, cuja função estrutural definia a distribuição dos ambientes e limitava o tamanho das aberturas foi, aos poucos, sendo substituída por edificações com estrutura de concreto armado, liberando as paredes da função estrutural e propiciando novos arranjos de ambientes, trazendo mais luz e higiene para a construção. As fachadas tradicionais, com muitos adornos, deram lugar às fachadas sem caráter monumental e sem ornamentação (ver ilustração 5).



Ilustração 5 Casa na rua Victor Konder, anos 30. Fonte: André Paiva, 2006. e Residência Salles, 1959. Arquiteto Domingos Filomeno Netto. Fonte: arquivo da proprietária, 2005.

Jovens arquitetos que se formavam nos grandes centros construíam a nova linguagem na Ilha. Atentos às novidades que circulavam pelo país através, principalmente, das revistas de arquitetura. Estas traziam notícias sobre a construção de prédios modernistas, principalmente estatais, construídos em quase todas as capitais, às vezes por meio de concursos, influenciados geralmente pela arquitetura funcional de Le Corbusier. Dentre estes profissionais destacam-se Wolfgang Ráu, Boris Terschitsch- engenheiro civil formado em São Paulo-, Domingos Filomeno Netto e Hans Broos. Este último, ainda em

59, fez o projeto da Casa Zipser, localizada no triângulo central, e na década seguinte projetou outras três residências³ na cidade (ver ilustração 6).

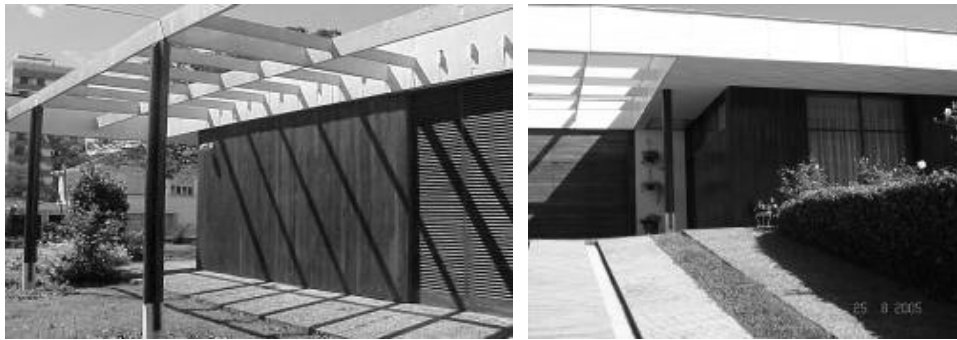


Ilustração 6: Casa Zipser, 1959. Arquiteto Hans Broos. Fonte: arquivo pessoal, 2005.

Em entrevista (dezembro de 2005) o arquiteto Ademar José Cassol⁴, relatou que as influências modernas chegavam através dos concursos de arquitetura que aconteciam por todo país; das revistas especializadas como ACROPOLE, MODULO, DOMUS e L'Architecture d'Aujourd'hui; e de obras como a Pampulha e do Ministério da Educação no Rio de Janeiro. O Brutalismo Paulista, de Artigas e Paulo Mendes da Rocha, estava despontando como escola arquitetônica e arquitetos como Mies Van der Rohe eram referências da época.

Quanto aos projetos destas casas, Cassol destacou a valorização da estrutura em concreto armado, quando aparente; a modulação e os grandes vãos. As fachadas eram compostas com painéis inteiros, isto é, sem vergas ou mochetas, e as coberturas construídas em laje impermeabilizada. A opção pelo uso da cobertura plana impermeabilizada por vezes negligenciava as condições de conforto térmico. Um dos ambientes que passou a aparecer nos projetos foi a sala com mezanino intermediário, geralmente com paredes tomadas em toda a largura, por janelas e portas de vidro temperado. A projeto da casa deveria ter um motivo gerador, que podia ser um vazio de escadas, um pátio interno ou até mesmo a valorização da vista exterior. O usuário aceitava bem as novidades, com algum tipo de resistência, porém, já havia uma predisposição latente em aceitar a linguagem modernista como solução arquitetônica. Os projetos modernistas romperam com o falso neocolonial que imperava e ainda hoje continuam sendo atuais quanto aos aspectos externos. A valorização dos jardins exteriores facilitou a aceitação popular da nova arquitetura, mas a dificuldade para construir não diminuiu totalmente durante a década de 60. Havia limitação de materiais e tecnologias, em geral importadas e onerosas, e não havia mão de obra qualificada que dominasse as novas técnicas de construção.

Ao contrário do edifício das Diretorias, as casas construídas sob preceitos modernistas, de maneira geral, tiveram um processo de aceitação mais demorado, mas não menos importante. Porém, observa-se a especulação imobiliária aliada a novos usos que não os residenciais como geradores ou da demolição desses testemunhos arquitetônicos ou de sua descaracterização através de elementos externos, cores e ampliações não condizentes com os conceitos originais (ver ilustração 7).

³³ Dois projetos foram feitos no ano de 1968, o primeiro para família Milasch e o segundo para família Brandalise. O terceiro projeto residencial é de 1969 para família Martins.

⁴ O arquiteto se formou em 1964, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, na cidade de Porto Alegre.



Ilustração 7: Alterações no uso, alterações na estética original. Fonte: arquivo pessoal, 2009

Essas alterações contribuíram para a perda da paisagem urbana criada refletindo um descaso ou, na maior parte das vezes, a ignorância da importância dessa arquitetura como reflexo de um momento econômico-social vivido.

5 UTILIZAR PARA PRESERVAR – EVITANDO DESPERDÍCIOS

Como ressaltado na introdução, aproveitar os vazios urbanos e as construções em desuso nas áreas urbanas já consolidadas significa reutilizar a estrutura urbana e arquitetônica existente, tanto na conservação do patrimônio quanto no sentido da própria infra estrutura. Nesse sentido, diversas atitudes isoladas têm sido observadas, como o Hotel Umbu em Porto Alegre, presente no centro histórico, seu projeto de reutilização para habitação, 2003-4, (projeto do arquiteto Antônio Zago – ilustração 08), contribui para o aproveitamento de construções existentes, subutilizadas, para sua reinserção no contexto urbano, com um resgate social muito maior, pois contribui para a diminuição do déficit habitacional no Brasil, em áreas consolidadas e com infra-estrutura existente, evitando sobremaneira o desperdício com demolições e reconstruções. No referido hotel, foram inseridas 123 unidades habitacionais.⁵ Resulta de um quadro referencial nacional, constituinte da política nacional vigente de programas habitacionais. Re-significa tanto a construção existente quando o valor da habitação como relação à sua função social, conforme trazido pelo Estatuto da Cidade aprovado em 2001. Tais iniciativas visam enfrentar um problema observado de déficit habitacional no Brasil, e resgatam possibilidades de inserção de diversos extratos sociais em contato, sobretudo nas áreas centrais urbanas, tanto as degradadas pela mudança da classe média para os bairros mais afastados, quanto às supervalorizadas pelo capital especulativo. Um quadro completo dessa situação, bem como a relação com a situação vigente no Brasil atualmente, no sentido da legislação urbana e do planejamento pode ser observado na obra Mudar a Cidade, de Marcelo Lopes de Souza, 2004.



Ilustração 8: Hotel Umbu – Porto AlegreFoto: Antônio Zago, do site:<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/153>

⁵ Informação extraída do diário oficial, disponível em:
http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/dopa/usu_doc/02outubro03.pdf

Observa-se nos grandes centros urbanos, sobretudo em capitais maiores, um grande número de edificações centrais desocupadas, testemunhos de períodos históricos passados e que por motivos legais, ou outros, encontram-se em estado de abandono. Grande parte é invadida por cortiços, num claro reflexo da ausência de política habitacional ao da absoluta falta de relação desta com a cidade real, conforme Maricato e Arantes, na obra - A cidade do Pensamento Único, 2000, ao mesmo tempo em que outras sofrem processos de 'modernização' e acabam sendo totalmente descaracterizadas de seu conteúdo estético e arquitetônico. Uma reutilização consciente deveria fixar esses moradores (em caso de cortiços) pois a proximidade com o centro urbano facilita o acesso a cidade (não somente acesso físico e social) e diminui a necessidade de gastos com a construção de novas obras para habitação). Dessa maneira patrimônio e a questão sócio-espacial seriam trabalhadas de maneira conjunta. O outro ponto levantado diz respeito mais especificamente a descaracterização física de tais edificações.

A valorização do patrimônio modernista em Florianópolis centra-se exatamente na apropriação dessa arquitetura como imagem a ser assimilada e transmitida. O patrimônio material e imaterial de Florianópolis baseia-se em resquícios da colonização açoriana, com recortes de arquitetura colonial e eclética e lendas locais, a evolução desse imaginário urbano coletivo, ocorreu com forte apego ao passado sem que tenha havido um período para o reconhecimento e a valorização da arquitetura modernista, inserida na capital desde a década de 50. Dessa maneira, edifícios urbanos que tecem franjas com a malha urbana, como o Edifício das Diretorias, atingem seus objetivos finais de relação com o entorno próximo, mas não possuem um cuidado na manutenção de sua estética inicial, como em letreiros colocados nas fachadas e mesmo a colagem de cartazes em seu espaço de transição (ver ilustração 9). A não identificação dessa arquitetura com patrimônio ocasionou a perda de exemplares notáveis, testemunhos da inserção de idéias modernistas vindas, sobretudo, de arquitetos e estudantes de arquitetura influenciados pelas escolas paulistas e cariocas.



Ilustração 9 Descaracterização dos imóveis - Edifício das Diretorias Fonte: Arquivo pessoal 2009.

Tal como um ser humano, a cidade possui uma identidade que faz com que os indivíduos a reconheçam e se reconheçam nela como individualidade.
(PESAVENTO, 1997, p.25).

Caso não seja efetivado esse reconhecimento, essa identidade, os recortes perdem sua razão de existir. Caso contrário, tornaram-se apropriáveis pela sua atemporalidade inerente dos conceitos, como os modernistas, que não se encontram somente em preceitos estéticos, mas na própria maneira de pensar as construções no espaço urbano e suas relações com o entorno. A especulação imobiliária é outro agente potencializador das perdas na

arquitetura, desconstruindo e reconstruindo novos edifícios com a valorização das áreas em questão. A assimilação desses exemplares como símbolos de um momento histórico e cultural importante para o contexto e a evolução da ilha, deveria promover o resgate dessas edificações. Novos usos têm sido agregados, com alterações nas fachadas e áreas internas, agora adaptadas a novos padrões estéticos. Somente quando essas edificações passam a compor a cultura local, e que são passíveis de assimilação e manutenção pela própria sociedade.

A cultura adquire formas diversas no decorrer do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que a caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para o gênero humano quanto a diversidade biológica o é para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. UNESCO, 2006.

Esse processo de assimilação relaciona-se com a criação da identidade local, corroborando para a imagem urbana e suas diferentes linguagens no evoluir da cidade. Assim o edifício das Diretorias, com forte apelo às áreas públicas de transição tem hoje sua marquise ocupada por cartazes e poluição visual, enquanto que sua idéia inicial era justamente a de abrigar os transeuntes. O mesmo acontece com as casas próximas a Rua Presidente Coutinho, que consolidaram um eixo determinado por habitações diversas do padrão eclético da ilha, mas que não conseguiram manter-se como paisagem a ser tombada, mas que sua própria linguagem deveria constituir um bem comum. Massimo Canevacci, em sua obra “A Cidade Polifônica”, faz referência ao universo urbano, que mesmo degradado (aparentemente) é capaz de produzir sua própria linguagem: “[...] ao menos de um ponto de vista antropológico, tudo é cultura num contexto urbano” (CANEVACCI, 1997, p.36), percebe-se que há uma estreita ligação entre a cidade (meio antrópico), transformado pelo homem e portanto por ele apropriado e sua maneira de viver (VAZ, 2006). O estudo desses recortes demonstrou a abertura existente para novas idéias e conceitos urbanístico-arquitetônicos em Florianópolis, e que sua evolução pode extinguir testemunhos de sua própria constituição.

Através dos diversos olhares com que a sociedade a vê, das múltiplas opiniões que ocorrem no seu meio, dos vários conceitos e preconceitos que se estabelecem, dos símbolos que se criam, e também por ser o “locus” do poder, é que a cidade é a projeção no espaço físico, do imaginário social (SOUZA, 1997, p. 109).

Caso não haja relação entre a imagem gerada pelas obras arquitetônicas e o imaginário coletivo, esses testemunhos históricos entram em decadência e sua manutenção perde sentido para a sociedade, que não se vê neles representada.

(...) se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível. (LYNCH, 1997, p.102)

É justamente na formação de lugares que está a chave da manutenção e do interesse em apropriar-se dos espaços pela população local. Somente quando a arquitetura modernista conseguiu transpor essa barreira entre escultura e espaço habitado foi possibilitado o

interesse popular por esses conceitos que se distanciavam dos padrões vigentes. Nesse viés observa-se que a manutenção e apropriação das áreas geradas pelos edifícios públicos é explicitamente maior que nos exemplares residenciais. A proposta de reutilização desses imóveis, não somente para fins comerciais, mas sobretudo residenciais, e porque não mistos, pode evitar os custos gerados pelas demolições. Custos esses, não somente econômicos, inexpressivos muitas vezes face à especulação imobiliária, mas sobretudo custos patrimoniais e de memória coletiva. Ao resgatar o uso habitacional, toda a área urbanizada do entorno tende a ter um aporte maior de comércio vicinal, retorno de atividades cotidianas fora do horário comercial, e com ganhos expressivos para o bem comum.

6 CONCLUINDO

A diversidade urbana é um dos elementos que configuram sua animação e conseqüente apropriação e vitalidade conforme já preconizado por Jane Jacobs na década de 60. Essa diversidade advém basicamente do aspecto social da cidade, de sua multiplicidade de atores sociais, moradores, transeuntes, turistas, flaneurs, etc. Mas todos esses personagens encontram-se, trabalham, circulam, vivem sobre uma base física, a cidade edificada. A cidade é edificada tanto sobre o espaço construído quanto sobre sua imagem. Essa imagem vai sendo sedimentada aos poucos, construída, e reconstruída constantemente, (ver Maria Elaine Kohlsdorf, Kevin Lynch, Cristina Freire, etc) e para tanto o patrimônio arquitetônico é de fundamental importância.

Valorizá-lo e respeitá-lo como testemunho pode ser a primeira noção, mas não a única, pois sua manutenção efetiva-se através do uso. Portanto ao trazer novos usos as mesmas edificações, como habitação social, ou mesmo manter suas funções tentando conservar seus aspectos estéticos não pela estética em si, mas pela representação de um contexto histórico definido, além de, como já foi trabalhado, evitar desperdícios em demolições e novas construções, com custos gerados inclusive com infra-estrutura urbana. Florianópolis é emblemática nesse sentido. Ainda não possui grande número de edifícios em desuso no centro urbano, mas grande parte de seu patrimônio já foi perdido conforme reformas e renovações. Não se trata aqui das questões do patrimônio século XVIII e XIX, com os núcleos de formação da Ilha bem preservados, mas sobretudo das edificações modernistas construídas no século XX. Descaracterizadas por novos usos (que poderiam ser mantido, mas sem tantas alterações na fachada dos imóveis) ou o que é ainda mais drástico, demolidas, sem uma prévia documentação para estudo.

Conforme já citado, a proposta de evitar os desperdícios com demolições, baseia-se justamente no desperdício de testemunhos históricos, artefatos que corroboram para a evolução e compreensão da história local. Além disso, urbanizar áreas distantes dos centros urbanos, conforme trazido pela produção intelectual urbana contemporânea, resulta em grandes gastos de infra-estrutura, e muitas vezes numa ruptura na malha urbana existente, com distanciamentos que podem gerar vazios urbanos, à espera da especulação imobiliária (Maricato, 2002). Essas são perdas com grandes danos à estrutura e portanto vivência urbana, em paralelo à história local. Este artigo, teve como ponto de partida uma dissertação de mestrado que inventariou casas de caráter modernista importantes na consolidação de tal patrimônio em Florianópolis. Porém foi além e alargou o campo de pesquisa de tal dissertação ao buscar relacionar com uma produção no conhecimento urbano contemporânea, que trata da renovação urbana com a utilização de edificações

existentes. Nesse caminho encontra pistas para aprofundamento da pesquisa, sobretudo no sentido dessa relação entre arquitetura, cidade, patrimônio, habitação e o conceito já explicitado de trabalhar com os vazios urbanos e as edificações subutilizadas, presentes na cidade existente.

7 REFERÊNCIAS

ALBERTON, J. O. (2006) **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. Florianópolis. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

CANEVACCI, M. (1997) **A Cidade Polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2º Ed. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda. São Paulo.

CASTRO, E. R. M. (2002) **Jogo de formas híbridas: arquitetura e modernidade em Florianópolis na década de 50**. Florianópolis. 143 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

FREIRE, C. (1997) **Além dos mapas – os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. Editora Annablume, São Paulo.

JACOBS, J. (2000), **Morte e vida de grandes cidades**. M. Fontes. São Paulo.

KOHLSDORF, M. E. (1996), **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Ed. UNB.

LYNCH, K. (1997) **A Imagem da cidade**. Martins Fontes. São Paulo.

MARICATO, E. (2002) **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. In ARANTES, O. B. F. VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Ed. Vozes, Petrópolis.

PESAVENTO, S. J. (1997), **A cidade Maldita**, in SOUZA, C. F. de & PESAVENTO, S. J., org. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Editora da Universidade/UFRGS. Porto Alegre, (13-24).

RUBUANO, L. M. (2008) **Habitação social: temas da produção contemporânea**. Publicado no site Vitruvius, acessível em: <http://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/08.095/153>

SOUZA, C. F.. (1997) **Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo de representação**. In SOUZA, C. F. de & PESAVENTO, S. J., org. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Editora da Universidade/UFRGS. Porto Alegre.

SOUZA, M. L. de. (2004) **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.

Site oficial da UNESCO Brasil,

http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/diversidadecultural/index_html/mostra_documento, acessado em 10/04/2006

VAZ, M. J. M.. (2006) **Por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano**. Florianópolis. v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, acessível em <http://www.tede.ufsc.br/teses/PARQ0026.pdf>

VEIGA, E. V. da. (1993) **Florianópolis: Memória Urbana**. UFSC. Florianópolis.